

AGORA SOMOS TODOS SOVIÉTICOS

Por Niall Ferguson*



Imagem gerada por IA.

Um governo com déficit permanente e forças armadas inchadas, uma falsa ideologia impulsionada pelas elites, uma população com problemas de saúde e líderes decrépitos. Soa familiar?

A espirituosa frase “[América Soviética tardia](#)” foi cunhada pelo historiador de Princeton, Harold James, em 2020. Só se tornou mais apropriada desde então à medida em que a guerra fria em que nos encontramos – a segunda – esquentou.

Apontei pela primeira vez que estamos na Segunda Guerra Fria em 2018. Em artigos para o [The New York Times](#) e para a [National Review](#), tentei mostrar como a República Popular da China ocupa agora o espaço deixado pela União Soviética quando entrou em colapso em 1991.

Esta visão é menos controversa agora do que era então. A China claramente não é apenas um rival ideológico, firmemente empenhada no marxismo-leninismo e no governo de partido único. É também um concorrente tecnológico – o único que os EUA enfrentam em domínios como inteligência artificial e computação quântica. É um rival militar, com uma marinha que já é maior que a nossa e um arsenal nuclear que está de aproximando rapidamente. E é um rival geopolítico, afirmando-se não só no Indo-Pacífico, mas também através de representantes na Europa Oriental e em outros locais.

Mas só recentemente me ocorreu que nesta nova Guerra Fria, nós – e não os chineses – poderíamos ser os soviéticos. É um pouco como aquele momento em que os comediantes britânicos David Mitchell e Robert Webb, interpretando oficiais da Waffen-SS no final da Segunda Guerra Mundial, fazem a pergunta imortal: “[Somos nós os vilões?](#)”

Imagino dois marinheiros americanos se perguntando um dia – talvez enquanto seu porta-aviões afunda sob os seus pés, em algum lugar perto do Estreito de Taiwan: Seremos nós os soviéticos?

Sim, eu sei o que você vai dizer.

Há uma enorme diferença entre a economia planejada disfuncional que Stalin construiu e legou aos seus herdeiros, que ruuiu assim que Mikhail Gorbachev tentou reformá-la, e a economia de mercado dinâmica da qual nós, americanos, nos orgulhamos.

O sistema soviético desperdiçou recursos e quase garantiu a escassez de bens de consumo. O sistema de saúde soviético foi prejudicado por hospitais dilapidados e pela escassez crônica de equipamentos. Havia pobreza opressiva, fome e trabalho infantil.

Na América de hoje, tais condições existem apenas na porção inferior da distribuição econômica – embora a extensão em que existem seja verdadeiramente terrível. A mortalidade infantil no final da União Soviética era de cerca de [25 por 1.000](#). O número para os EUA em 2021 foi de [5,4](#) mas, para mães solteiras no Delta do Mississippi ou nos Apalaches é de 13 por 1.000.

A comparação com a União Soviética, você poderá argumentar, é, no entanto, risível.

Olhe mais de perto.

Uma “restrição orçamentária branda” crônica no setor público, que era uma fraqueza fundamental do sistema soviético? Vejo uma versão disso nos déficits dos EUA previstos pelo Gabinete Orçamentário do Congresso como excedendo 5% do PIB num futuro próximo e aumentando inexoravelmente para 8,5% até 2054. A inserção do governo central no processo de tomada de decisões de investimento? Vejo isso também, apesar do entusiasmo em torno da “política industrial” da administração Biden.

Os economistas continuam a nos prometer um milagre de produtividade vindo da tecnologia da informação, mais recentemente da IA. Mas a taxa média anual de crescimento da [produtividade](#) no setor empresarial não agrícola dos EUA se manteve estagnada em apenas 1,5% desde 2007, apenas ligeiramente melhor do que nos sombrios anos de 1973-1980.

A economia dos EUA pode hoje ser a inveja do resto do mundo, mas lembremos de como os especialistas americanos sobrevalorizaram a economia soviética nas décadas de 1970 e 1980.

E, no entanto, você insiste, a União Soviética era mais um homem doente do que uma superpotência, enquanto os Estados Unidos não têm igual no domínio da tecnologia militar e do poder de fogo.

Na verdade não.

Temos um Exército que é simultaneamente caro e desigual para as tarefas que enfrenta, como deixa claro o [relatório](#) recentemente publicado pelo senador Roger Wicker. Ao ler o relatório de Wicker – e recomendo que você faça o mesmo – fiquei pensando no que os sucessivos líderes soviéticos disseram até o amargo fim: que o Exército Vermelho era o maior e, portanto, o mais letal exército do mundo.

No papel, era. Mas era de papel que o urso soviético acabou sendo feito. Não conseguiu sequer vencer uma guerra no Afeganistão, apesar de 10 anos de morte e destruição (ora, por que isso soa familiar?).

No papel, o orçamento de defesa dos EUA excede de fato o de todos os outros membros da OTAN juntos. Mas o que esse orçamento de defesa realmente nos compra? Como argumenta Wicker, não é suficiente para enfrentar a “Coligação Contra a Democracia” que a China, a Rússia, o Irã e a Coreia do Norte têm vindo a construir agressivamente.

Nas palavras de Wicker, *“as forças armadas da América têm falta de equipamento moderno, escassez de financiamento para formação e manutenção e um enorme atraso em infraestruturas. ... estão distensionadas demais e mal equipadas para cumprir todas as missões que lhe são atribuídas com um nível de risco razoável. Nossos adversários reconhecem isso, e isso os torna mais aventureiros e agressivos.”*

E, como já referi em [outro local](#), o governo federal gastará quase certamente mais no serviço da dívida do que na defesa este ano.

Fica pior.

De acordo com o CBO, a parcela do produto interno bruto destinado ao pagamento de juros da dívida federal será o dobro do que gastamos em segurança nacional até 2041, graças em parte ao fato de o custo crescente da dívida reduzir os gastos com defesa de 3% do PIB este ano para 2,3% projetados dentro de 30 anos. Este declínio não faz sentido em um momento em que as ameaças representadas pelo novo [Eixo](#) liderado pela China estão manifestamente crescendo.

Ainda mais impressionantes para mim são as semelhanças políticas, sociais e culturais que detecto entre os EUA e a URSS. A liderança gerontocrática foi uma das marcas da liderança soviética tardia, personificada pela senilidade de Leonid Brezhnev, Yuri Andropov e Konstantin Chernenko.

Mas, segundo os atuais padrões americanos, os últimos líderes soviéticos não eram velhos. Brezhnev tinha 75 anos quando morreu em 1982, mas sofreu seu primeiro derrame grave sete anos antes. Andropov tinha apenas 68 anos quando sucedeu Brezhnev, mas sofreu insuficiência renal total poucos meses depois de assumir o cargo. Chernenko tinha 72 anos quando chegou ao poder. Ele já era um

inválido desesperado, sofrendo de enfisema, insuficiência cardíaca, bronquite, pleurisia e pneumonia.

É um reflexo da qualidade dos cuidados de saúde de que gozam hoje seus homólogos americanos, o fato de serem mais velhos e mais saudáveis. No entanto, Joe Biden (81) e Donald Trump (78) dificilmente são homens na primeira onda de juventude e vitalidade, como o [Wall Street Journal](#) recentemente deixou claro e assustador. O primeiro não consegue distinguir entre seus dois secretários de gabinete hispânicos, Alejandro Mayorkas e Xavier Becerra. Este último confunde Nikki Haley e Nancy Pelosi. Se Kamala Harris nunca assistiu [A Morte de Stalin](#), não é tarde demais.

Outra característica notável da vida soviética tardia foi o total cinismo público em relação a quase todas as instituições. O brilhante livro de Leon Aron, [Roads to the Temple](#), mostra como a vida se tornou miserável na década de 1980.

No grande “retorno à verdade” desencadeado pela política da [glasnost](#) de Gorbachev, os cidadãos soviéticos foram capazes de expressar seu descontentamento em cartas a uma imprensa subitamente livre. Parte do que escreveram era específico do contexto soviético – em particular, revelações sobre as realidades da história soviética, especialmente os crimes da era Stalin. Mas reler as queixas dos russos sobre suas vidas na década de 1980 é deparar-se com mais do que alguns prenúncios sinistros do presente americano.

Numa carta ao [Komsomolskaya Pravda](#) de 1990, por exemplo, um leitor criticou a “*horrível e trágica ... perda de moralidade por um grande número de pessoas que vivem dentro das fronteiras da URSS*”. Os sintomas de debilidade moral incluíam apatia e hipocrisia, cinismo, servilismo e delação. O país inteiro, escreveu ele, estava sufocando em um “*miasma de mentiras públicas e demagogias descaradas e incessantes*”. Em julho de 1988, 44% das pessoas entrevistadas pela [Moskovskie novosti](#) sentiam que a sua sociedade era uma “sociedade injusta”.

Basta olhar para as pesquisas mais recentes do [Gallup](#) sobre a opinião americana e encontrar uma desilusão semelhante. A percentagem do público que confia na Suprema Corte, nos bancos, nas escolas públicas, na presidência, nas grandes empresas tecnológicas e no trabalho organizado se situa em algum lugar entre 25% e 27%. Para os jornais, o sistema de justiça criminal, os noticiários televisivos, as grandes empresas e o Congresso, está abaixo dos 20%. Para o Congresso, são 8%. A [confiança média](#) nas principais instituições é aproximadamente metade da que era em 1979.

É agora bem sabido que os americanos mais jovens estão sofrendo uma epidemia de problemas de saúde mental – cuja culpa, segundo [Jon Haidt](#) e outros, é dos *smartphones* e das redes sociais – enquanto os americanos mais velhos estão sucumbindo a “[mortes por desespero](#)”, frase que ficou famosa por Anne Case e Angus Deaton. E enquanto Case e Deaton se concentraram no aumento de mortes por desespero entre americanos brancos de meia-idade – seu trabalho se tornou o complemento das ciências sociais para *Hillbilly Elegy* de J.D. Vance – [pesquisas mais recentes](#) mostram que os afro-americanos alcançaram seus contemporâneos brancos quando se trata de mortes por *overdose*. Só em 2022, mais americanos

[morreram de overdose de fentanil](#) do que em três grandes guerras: Vietnã, Iraque e Afeganistão.

Os dados recentes sobre a mortalidade americana são chocantes. A esperança de vida diminuiu na última década de uma forma que não vemos em países desenvolvidos comparáveis. As [principais explicações](#), de acordo com as Academias Nacionais de Ciências, Engenharia e Medicina, são um aumento impressionante nas mortes devido a *overdoses* de drogas, abuso de álcool e suicídio, e um aumento de várias doenças associadas à obesidade. Para ser mais preciso, entre 1990 e 2017, as drogas e o álcool foram responsáveis por mais de [1,3 milhões de mortes](#) entre a população em idade ativa (dos 25 aos 64 anos). O suicídio foi responsável por 569.099 mortes – novamente de americanos em idade produtiva – no mesmo período. As causas metabólicas e cardíacas de morte, como hipertensão, diabetes tipo 2 e doenças coronárias, também aumentaram juntamente com a obesidade.

Esta inversão da esperança de vida simplesmente não está acontecendo em outros países desenvolvidos.

Peter Sterling e Michael L. Platt [argumentam em um artigo recente](#) que isto acontece porque os países da Europa Ocidental, juntamente com o Reino Unido e a Austrália, fazem mais para “fornecer assistência comunitária em todas as fases [da vida], facilitando assim diversos caminhos a seguir e protegendo indivíduos e famílias do desespero”. Nos Estados Unidos, [por outro lado](#), “cada sintoma de desespero foi definido como um distúrbio ou desregulação dentro do indivíduo. Isto enquadra incorretamente o problema, forçando os indivíduos a lutarem por conta própria”, escrevem eles. “Também enfatiza o tratamento farmacológico, fornecendo inúmeros medicamentos para ansiedade, depressão, raiva, psicose e obesidade, além de novos medicamentos para tratar o vício em drogas antigas.”

Obeso? Experimente Ozempic.

A autodestruição em massa dos americanos, capturada na frase *mortes por desespero*, durante anos, tem tocado um leve sino na minha cabeça. Esta semana lembrei-me de onde já tinha visto isso antes: no final da União Soviética e na Rússia pós-soviética. Embora a esperança de vida masculina tenha melhorado em todos os países ocidentais no final do século XX, na União Soviética começou a diminuir depois de 1965, recuperou-se brevemente em meados da década de 1980 e depois caiu de um penhasco no início da década de 1990, caindo novamente após a crise financeira da década de 1998. A taxa de mortalidade entre homens russos com idades compreendidas entre os 35 e os 44 anos, por exemplo, mais do que duplicou entre 1989 e 1994.

A explicação é tão clara quanto Stolichnaya. Em julho de 1994, dois estudiosos russos, Alexander Nemtsov e Vladimir Shkolnikov, publicaram um artigo no jornal diário nacional *Izvestia* com o memorável título *To Live or to drink?* (“Viver ou Beber?”) Nemtsov e Shkolnikov demonstraram (nas palavras de um [artigo de revisão](#) recente) “uma relação linear negativa quase perfeita entre estes dois indicadores”. Tudo o que lhes faltava era uma continuação – *To Live or to Smoke?* (“Viver ou Fumar?”) – já que o câncer de pulmão era a outra grande razão pela qual

os homens soviéticos morriam jovens. Uma cultura de consumo excessivo de álcool e de fumo inveterado foi [facilitada](#) pelos preços baixíssimos dos cigarros sob o regime soviético e pelos preços baixíssimos do álcool após o colapso do comunismo.

As estatísticas são tão chocantes como as cenas que me lembro de ter testemunhado em Moscou e São Petersburgo no final da década de 1980 e início da década de 1990, que fizeram até a minha cidade natal, Glasgow, parecer abstinência. Uma análise de 25.000 autópsias realizadas na Sibéria entre 1990 e 2004 mostrou que 21% das mortes de homens adultos devido a doenças cardiovasculares envolveram níveis letais ou quase letais de etanol no sangue. O tabagismo foi responsável por impressionantes 26% de todas as mortes masculinas na Rússia em 2001. Os suicídios entre homens de 50 a 54 anos atingiram 140 por 100.000 habitantes em 1994 – em comparação com 39,2 por 100.000 para homens não-hispano-americanos de 45 a 54 anos em 2015. Em outras palavras, as mortes por desespero de Case e Deaton são uma espécie de pálida imitação da versão russa de há 20 ou 40 anos.

A autodestruição do *homo sovieticus* foi pior. E, no entanto, a semelhança com a autodestruição do *homo americanus* não é realmente impressionante?

É claro que os dois sistemas de saúde parecem superficialmente bastante diferentes. O sistema soviético tinha poucos recursos. No centro do desastre da saúde americana, pelo contrário, está uma enorme desfasagem entre as despesas – que não têm rival internacionalmente em relação ao PIB – e os resultados, que são terríveis. Mas, tal como o sistema soviético como um todo, o sistema de saúde dos EUA evoluiu de modo que um conjunto de interesses instalados pode extrair rendas. A burocracia inchada e disfuncional, brilhantemente [parodiada pelo South Park](#) em um episódio recente – é ótima para a *nomenklatura*,¹ péssima para os *proles* ².

Entretanto, tal como no final da União Soviética, os caipiras – na verdade, a classe trabalhadora e também uma boa fatia da classe média – bebem e se drogam até à morte, mesmo quando a elite política e cultural aposta em uma ideologia bizarra na qual ninguém realmente acredita.

Na União Soviética, as grandes mentiras eram que o Partido e o Estado existiam para servir aos interesses dos trabalhadores e camponeses, e que os Estados Unidos e seus aliados eram imperialistas pouco melhores do que os nazistas tinham sido na “Grande Guerra Patriótica”. A verdade é que a *nomenklatura* (ou seja, os membros da elite) do Partido formou rapidamente uma nova classe com seus próprios privilégios, muitas vezes hereditários, relegando os trabalhadores e os camponeses à pobreza e à servidão, enquanto Stalin, que começou a Segunda Guerra Mundial do mesmo lado que Hitler, falhou totalmente em prever a invasão

¹ *Nomenklatura*, era a designação da casta dirigente da União Soviética, incluindo altos funcionários do Partido Comunista e outros que gozavam da simpatia do Partido.

² No contexto do livro 1984 de George Orwell, “prole” refere-se aos indivíduos da classe proletária, sendo uma expressão geralmente usada pejorativamente para designar pessoas de baixo nível cultural, geralmente assalariadas e/ou com condições financeiras desfavoráveis.

nazista da União Soviética, e depois se tornou o mais brutal imperialista por direito próprio.

As falsidades equivalentes na América soviética tardia são que as instituições controladas pelo Partido (Democrata) – a burocracia federal, as universidades, as principais fundações e a maioria das grandes corporações – estão dedicadas a promover minorias raciais e sexuais até então marginalizadas, e que os principais objetivos da política externa dos EUA são combater as alterações climáticas e (como diz [Jake Sullivan](#)) ajudar outros países a se defenderem “*sem enviar tropas dos EUA para a guerra*”.

Na realidade, as políticas para promover “diversidade, equidade e inclusão” não ajudam em nada as minorias pobres. Em vez disso, os únicos beneficiários parecem ser uma horda de *apparatchik*³ de “líderes” DEI⁴. Entretanto, estas iniciativas estão claramente minando os padrões educativos, mesmo nas [escolas de medicina de elite](#), e encorajando a mutilação de milhares de adolescentes em nome da “[cirurgia de afirmação de gênero](#)”.

Quanto à atual direção da política externa dos EUA, não se trata tanto de ajudar outros países a se defenderem, mas sim de incitar outros a combater nossos adversários como *proxies*, sem lhes fornecer armamento suficiente para terem muitas hipóteses de vitória. Esta estratégia – mais visível na Ucrânia – faz algum sentido para os Estados Unidos, que descobriram na “guerra global ao terror” que seus tão alardeados militares não conseguiriam derrotar nem mesmo os desorganizados Talibã, após 20 anos de esforços. Mas acreditar nas lisonjas americanas pode, em última análise, condenar a Ucrânia, Israel e Taiwan a seguirem o Vietnã do Sul e o Afeganistão até o esquecimento.

Quanto às alterações climáticas, o mundo está agora inundado de veículos elétricos, baterias e células solares chinesas, produzidos em massa com a ajuda de subsídios estatais e centrais elétricas a carvão. Pelo menos tentamos resistir à estratégia soviética de liberar o marxismo-leninismo no Terceiro Mundo, cujo custo humano era quase incalculável. Em comparação, a preocupação da nossa elite política com as alterações climáticas resultou em uma total incoerência estratégica. O fato é que a China foi responsável por três quartos do aumento de 34% nas emissões de dióxido de carbono desde o nascimento de Greta Thunberg (2003) e por dois terços do aumento de 48% no consumo de carvão.

Para ver a extensão do abismo que separa agora a *nomenklatura* americana dos trabalhadores e camponeses, consideremos os resultados de uma [pesquisa da Rasmussen](#) de setembro passado, que procurou distinguir as atitudes dos membros da Ivy League⁵ das dos americanos comuns. A pesquisa definiu os

³ Membro do Partido Comunista que, na URSS, ocupava uma posição de responsabilidade política ou burocrática. Pejorativamente, refere-se a um indivíduo que cumpre com extremo rigor suas obrigações e responsabilidades funcionais, obedecendo cegamente às ordens de seus superiores hierárquicos.

⁴ Referência ao cargo de Diretor de Diversidade (“Chief Diversity Officer”), responsável por desenvolver os programas de diversidade, equidade e inclusão (DEI) em uma empresa.

⁵ Originalmente o termo “Ivy League” foi usado para se referir a uma liga esportiva universitária da costa leste dos Estados Unidos. Com o passar do tempo se tornou referência a oito universidades: Brown, Columbia, Cornell,

primeiros como *“aqueles com pós-graduação, renda familiar superior a US\$ 150 mil anuais, que vivem em um CEP com mais de 10 mil pessoas por quilômetro quadrado”* e que frequentaram *“escolas da Ivy League ou outras escolas particulares de elite, incluindo Northwestern, Duke, Stanford e a Universidade de Chicago”*.

Questionados se seriam a favor do “acionamento de gás, carne e eletricidade” para combater as alterações climáticas, 89% dos membros da Ivy League disseram que sim, contra 28% das pessoas normais. Questionados se pagariam pessoalmente mais 500 dólares em impostos e custos mais elevados para combater as alterações climáticas, 75% dos membros da Ivy League disseram que sim, contra 25% de todos os outros. *“Os professores devem decidir o que os alunos aprendem, e não os pais”* foi uma afirmação com a qual 71% dos membros da Ivy League concordaram, quase o dobro da percentagem dos cidadãos comuns. *“Os EUA oferecem muita liberdade individual?”* Mais da metade dos membros da Ivy League disseram que sim; apenas 15% dos mortais comuns o fizeram. A elite gosta quase o dobro a mais do que o resto, dos membros do Congresso, jornalistas, líderes sindicais e advogados. Talvez sem surpresa, 88% dos membros da Ivy League disseram que suas finanças pessoais estavam melhorando, em contraste com um a cada cinco da população em geral.

Uma falsa ideologia em que quase ninguém acredita, mas que todos têm que papaguear, a menos que queiram ser rotulados de dissidentes – desculpe, quero dizer, deploráveis? Confere. Uma população que já não considera o [patriotismo, a religião, ter filhos ou o envolvimento comunitário](#) como importantes? Confere. Que tal um desastre maciço que exponha a total incompetência e falsidade que permeia todos os níveis de governo? Para Chernobyl, leia covid. E, embora não afirme ter conhecimentos jurídicos, penso que reconheço a justiça soviética quando vejo – em um tribunal de Nova Iorque – o sistema jurídico ser abusado na esperança de não apenas prender, mas também desacreditar o líder da oposição política.

A questão que me assombra é: e se a China tiver aprendido as lições da Primeira Guerra Fria melhor do que nós? Receio que Xi Jinping não apenas tenha compreendido que, a todo o custo, deve evitar o destino dos seus homólogos soviéticos. Ele também compreendeu, mais profundamente, que podemos ser manobrados para sermos nós próprios os soviéticos. E que melhor maneira de conseguir isso do que “colocar em quarentena” uma ilha não muito longe da sua costa e depois nos desafiar a enviar uma expedição naval para executar um bloqueio, com o risco óbvio de iniciar a Terceira Guerra Mundial? O pior da crise dos semicondutores de Taiwan que se aproxima é que, em comparação com a crise dos mísseis cubanos de 1962, os papéis serão invertidos. Biden ou Trump serão Khrushchev; XJP passa a ser JFK (basta observá-lo preparando a narrativa, [dizendo](#) à presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, que Washington está tentando incitar Pequim a atacar Taiwan).

Podemos dizer a nós mesmos que nossas muitas patologias contemporâneas são o resultado de forças externas que travam uma campanha de [subversão](#) de várias

Dartmouth, Harvard, Pennsylvania, Princeton e Yale, que têm reputação de alto desempenho e grande prestígio social. Os oriundos dessas universidades são tidos como pertencentes à uma elite.

décadas. Sem dúvida que tentaram, tal como a CIA fez seu melhor para subverter o domínio soviético na Guerra Fria.

No entanto, também precisamos de considerar a possibilidade de termos feito isto a nós próprios – tal como os soviéticos fizeram muitas das mesmas coisas consigo próprios. Era uma preocupação liberal comum durante a Guerra Fria que pudéssemos acabar por nos tornar tão implacáveis, secretos e irresponsáveis como os soviéticos devido às exigências da corrida às armas nucleares. Ninguém suspeitava que acabaríamos por nos tornar tão degenerados quanto os soviéticos, e tacitamente desistiríamos de vencer a guerra fria em curso.

Ainda me agarro à esperança de que possamos evitar a perda da Segunda Guerra Fria – que as patologias econômicas, demográficas e sociais que afligem todos os regimes comunistas de partido único acabarão por condenar o “Sonho Chinês” de Xi. Mas quanto maior for o número de mortes por desespero – e quanto maior for o fosso entre a *nomenklatura* da América e todos os outros – menos confiante me sinto de que as nossas próprias patologias locais terão uma ação mais lenta.

Somos os soviéticos? Olhe a sua volta.

Publicado em [The Free Press](#).

**Niall Ferguson é professor de história na Universidade de Harvard e pesquisador na Universidade de Oxford, entre diversas outras atividades acadêmicas. Atua como comentarista político e colunista da Bloomberg e da Newsweek, escrevendo sobre história, economia e finanças, além de questões sobre o imperialismo britânico e americano. Entre outros títulos, Ferguson é autor de “Império: Com os britânicos fizeram o mundo moderno”, “Civilização: Ocidente X Oriente”, “A ascensão do dinheiro: A história financeira do mundo” e “Colosso: Ascensão e queda do império americano”.*
